

“A noite que se seguiu não estava programada: como era serena, saí para caminhar e recordar, depois de jantar. Não quis dar rumo à caminhada; procurei uma máxima latitude de probabilidades para não cansar a expectativa com a obrigatória antevisão de uma única dentre elas. Realizei na má medida do possível isso que chamam caminhar a esmo; tendo por único plano consciente evitar as avenidas e ruas largas, aceitei os mais obscuros convites do acaso.”

— Jorge Luis Borges, *Antologia Pessoal*



1

## Entre-tempo (análise sobre Pude ver un Puma) Luiza Furtado

---

<sup>1</sup> Paisaje de la costa/1840~1870, Pueyrredón.

Não haveria nada a dizer sobre o ato de flunar. Ou haveria? A questão talvez seja a pragmática dessa ação. Ocorre em *Pude ver un puma* a urgência de uma “peregrinação” em torno do núcleo sensorial de seus personagens. Pelos corpos cênicos, a luta pela autonomia parece vibrar desde o mais simples gesto de caminhar até a colocação de si mesmo em situações de risco, como elementos de uma narrativa que se deseja corpórea.

A alegoria do puma parece descritiva do ideal de um corpo social, ao menos num campo funcional da racionalidade: ele é decorativo (belo?), estático, manso. Ele é plano, sem detalhes (higiénico?). Ele é a lei, ou a “razão fundada no cálculo do interesse”. E não deixa de ser aparentemente dócil ou afável àqueles que assim o aspiram, como a supervalorização de um elemento subjugatório com interações e participações autoconscientes pelos seus súditos. Em síntese, um animal que provoca a sensação de arrebatamento através de sua soberania e enlevo.

E no entanto a realidade fílmica de Williams é oposta a essa estética planificada. Os personagens surgem e somem em ambientes heterogêneos, onde o espaço externo, a céu aberto, é o único local efetivo. Não há permutação que envolve o recolhimento das moradias, a rua simula o doméstico e toma seu protagonismo. Ela aparece em princípio como o local do sujo e da urina, o que não exclui seu caráter consolador, aliás reforça o residual em si como atividade de engajamento (o mijo no outro, etc). O próprio ato do diagnóstico se torna um emblema da perturbação enquanto brincadeira/passatempo, refletida na cena onde dois personagens conversam e realizam uma espécie de consulta médica improvisada que mais remete a um teste online de sintomas.

A descentralização dos objetos é outro fator preponderante para essa disruptura coletiva, e foge ao padrão usual da composição. No seu nível plástico, nada parece ser *centro* de nada: o excesso da generalidade combinada só é contida devido a limitação espacial da proporção da tela. E há uma função retórica primordial contida nessa delimitação do quadro, sem a qual o efeito do fantástico no final não caberia, que é a trepidação nos moldes do registro. Como diz o próprio Williams em uma entrevista, “[...] é sempre difícil encontrar um bom still do meu filme, porque não é realmente feito de close-ups, mas sim de movimento” (2016, trad. livre).